



# O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIII — N.º 351 — Preço 1\$00  
16 DE NOVEMBRO DE 1957

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS  
Vales de correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

## Facetas de uma Vida

«A 14 de Agosto de 1924, Américo toma o hábito com mais uns quinze noviços para professarem o ano seguinte no dia 15, Assunção de Nossa Senhora.

Agora é Frei Américo». Os deveres aumentavam e urgiam no seu cumprimento.

Frei Américo passara do seu quarto primitivo — o maior e melhor, aqui juntinho do que ora ocupo — para o primeiro da esquerda, pegado à porta do Noviciado, justamente paredes meias com a cela de Frei Matias.

Ora o Noviciado é um mundo independente dentro do convento. Ali pontifica o Mestre de Noviços e até, o superior da casa não costuma ali entrar, nem ordenar o que quer que seja, a não ser quando, na ausência do Padre Mestre, o substitui.

Frei Américo era o mais velho dos noviços. Sucedia que algumas vezes, por saída do Padre Mestre, era ele quem ficava com a chave e o comando do noviciado. Pois tanto valia Padre Mestre estar como não estar. Se Frei Matias, lá da sua cela, dava sinal na parede (ele que infantilizado pelos anos e pela doença já não entendia a tentação que ocasionava ao seu amigo), Frei Américo saía de sua cela e noviciado para saber e dar satisfação às necessidades e desejos do seu doente.

Padre Mestre, Luís do Patrocínio, sabia ou apanhava-o... «Que é isto, Frei Américo? Não sabe que é proibido sair do noviciado sem licença? Veja o que faz... — Ai, Padre Mestre! — E confessava a culpa de joelhos, muito compungido».

Eram quatro ou cinco dias de resistência, mas depois... «A Caridade não conhece leis. É lei de si mesma. Rebenta todos os moldes.

... Caridade incorrigível! Emenda? Qual?»

Este esforço, junto a todos os demais de adaptação à nova vida — Frei Américo tinha então trinta e seis anos e um mundo de hábitos feitos atrás de si — cansavam-no muito. Daí as dores de cabeça e um certo nervosismo quase constantes.

Frei Bernardo, o enfermeiro-mor da Província Portuguesa da Ordem Franciscana, bem lhe dizia: «— O Frei Américo não aguenta esta vida: O estudo, o coro, a disciplina, o horário muito preso... Se fosse para um seminário talvez o dispensassem de alguns estudos da Filosofia e ainda se ordenava primeiro que os companheiros daqui... Depois, se quisesse, voltava então e era natural que o aceitasse...»

Frei Bernardo tem-se na conta de ter dado a primeira e a última machadada na resolução da sua partida do Convento.

Porém, ainda que influísse, mais forte era o peso das razões que o Padre Mestre lhe mostrava.

A festa da Assunção de Nossa Senhora aproximava-se. P.e Luís conhecia a opinião geral da comunidade a respeito de Frei Américo. Demais, havia nele alguma originalidade, um certo carisma poético (depois muitas vezes festejado por alguns dos próprios franciscanos!), que punham hesitação e levantavam temor em quem tinha de assumir a responsabilidade da sua profissão religiosa. Era provável que Frei Américo fosse excluído. Erros que os homens fazem e são contadas certas nas mãos de Deus.

P.e Luís — que é uma figura de gigante, não só pela acção de Mestre de Noviços, mas, talvez mais ainda, pelo seu trabalho de evangelização

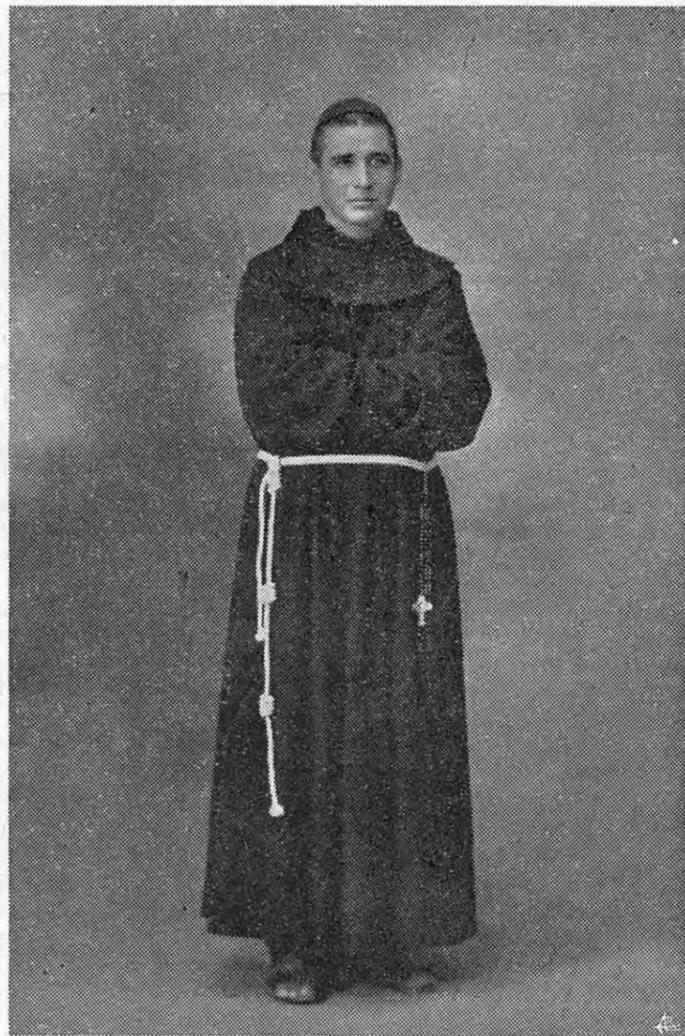
aqui em volta ao longo de cinquenta anos bem contados; P.e Luís — que era idolatrado pelo povo dos arredores de Ramalhosa e morreu com rumores de santidade; P.e Luís — dizia — quis poupar ao seu bom Frei Américo o desgosto da exclusão.

Que desistisse, que desistisse antes da votação. A decisão assim seria sua e o caminho ficava mais aberto para novo rumo que o Senhor sugerisse.

De resto, seria ainda um franciscano, P.e Frei Inocência, amigo pessoal de D. Manuel Luís Coelho da Silva, quem muito havia de influenciar o Prelado de Coimbra em favor da admissão do Américo no seminário da diocese.

Antes de Agosto de 1925, Frei Américo deixava o convento. Ia triste; algo vencido, mesmo. Regressava uma interrogação quase respondida: — Qual o caminho?

Foram ainda uns meses de luta. D. António Barbosa Leão não o aceitou. D. Manuel Coelho da Silva, sim. Frequentou Coimbra de 1925 a 1929. Depois, os primeiros anos dum sacerdócio que parecia falhado. Decerto teria voltado uma vez ou outra a pergunta dramática: — Qual o



Agora é Frei Américo.

caminho? Foi então que o cônego Dr. Manuel Trindade Salgueiro teve uma palavra de esperança, eficiente e profética: «Deixem-no determi-

nar-se». E ele determinou-se. Realizou-se.

Mas até ao fim, até ao derradeiro instante, ele foi um torturado.

## POBRES

São histórias proibidas. Estamos habituados. Todos os dias nos batem à porta. Isto é deles. É património deles. De longe e de perto sobem as ruas da nossa aldeia. Querem falar-nos. Confiam-nos o que a mais ninguém confiam. Porque? Eles o sabem e nós também sabemos.

Há dias fui procurado por um senhor. O semblante dizia tudo. Era pai e não podia exercer o seu amor de pai. Veio ter connosco. O caso não nos dizia respeito. Era da competência do tribunal. Apesar disso veio chorar junto de nós. Outras vezes são as mães. Pobres não são apenas os desprovidos dos bens materiais. Não. A felicidade de um lar é um bem de ordem superior. Toca no sacramento. No

sobrenatural. E nisso não se pensa muitas vezes. Donde a separação criminosa. A infidelidade conjugal. As grandes vítimas, porque inocentes, são os filhos. E não há a menor repugnância em entregá-los à mãe que vai viver criminosamente com um homem que não é o seu. Aquele pai foi-se embora desolado. Desolado fiquei eu também. Grande cruz é o limite das nossas forças.

x x x

Foi no dia 1 de Novembro. Era quase à hora do almoço. Do escritório percebi que alguém subia as escadas vagarosamente como quem já não tem forças. Não me enganara. Saí e daparei com um velhinho alquebrado que mal se sustinha em pé. Queria falar com o Senhor P.e Carlos. Não

era a primeira vez que subia aquelas escadas. Lia-se-lhe no rosto a confiança de que, no cimo, encontraria uma alma aberta, pronta para o receber. Só assim se justifica uma vinda de tão longe. Começa a contar a sua história. Disse, disse... Ouvimo-lo em silêncio. As lágrimas eram testemunho vivo do que afirmava. Seu rosto macilento também o era. Snr Padre Carlos não se conteve. Não queria perder uma palavra sequer de tão bela lição. («Se tivéssemos um gravador...») Era a hora da verdade que, mesmo quando é dura e crua, seduz. Para que teimam os homens em não querer vê-la? Para que a dissimulação? O pobre é uma realidade. O seu abandono também o é. «Não tenho quem me ajude. Não sei o que há-de ser de mim. Quero morrer». É a voz da verdade. É uma voz de protesto.

P.e Manuel António

### Engenheiro

### DUARTE PACHECO

A nossa Capela domina a avenida de entrada que tem o nome dele. Foi ali, à beira da futura casa 4 que Pai Américo lhe revelou o seu projecto.

Esse projecto que então devia ser, hoje é. A participação do ministro no impulso inicial, foi tão marcante que os traços dela ainda se não apagaram. Por isso, na nossa Capela, frente a frente ao lugar donde ele a viu antes dela ser, se fez memória de sua alma no aniversário do seu passamento.

# Património dos Pobres

No último domingo de Agosto não pudemos estar presentes na entrega das quatro primeiras moradias da Vila de Aleoaba. Do mesmo modo em Vila Verde da Figueira da Foz. Mas sabemos que nesta última o senhor que havia oferecido aquela 3.<sup>a</sup> casa, ao dar a chave, anunciou que daria a 5.<sup>a</sup>, pois já uma senhora levantara o dedo para a 4.<sup>a</sup>. Parece um desafio; mas oh que desafio!

Era já noite dentro quando partimos de Coimbra em direcção à Guarda e findava aquele dia quando chegamos. Tudo foram atenções conosco. O Crisanto, chefe de Setúbal, foi o meu companheiro. No dia seguinte era domingo e manhã cedo começamos por ver as seis airosas e aconchegadas moradias que estão em acabamento. A seguir fui celebrar e falar aos vicentinos da cidade que estavam reunidos. Estavam presentes também senhores cônegos e alunos finalistas do seminário. Deus dê fecundidade à semente que parece tão boa.

Tomamos a Opel em direcção ao Teixoso. A igreja não tinha um lugar vago naquela missa do meio dia. O tema foi do Evangelho: o convite do Pai Celeste a todos para o Banquete. O banquete da União com Ele na Caridade. No fim fomos entregar as três primeiras famílias pobres a uma casinha humana. O dono que oferecera o terreno e uma casa chorou de alegria e mostrou grande vontade em ver toda aquela propriedade plantada de casas e ofereceu mais uma.

De passagem pela Covilhã fomos visitar o seu bairro já de catorze casas. Há quem diga que aquela cidade já devia ter mais, mas catorze já é alguma coisa, embora a vizinha Tortozendo já tenha entregues quarenta e uma.

Chegamos já noite a Castelo Branco. Aqui preparam-se para arrancar. Estivemos com alguns dos nosso muitos e bons amigos daquela nobre cidade e no dia seguinte partimos até Nisa, onde já há oferta de terreno.

Em Alpalhão, onde nos informaram que anda fogo, não encontramos o pároco e fomos ter a Castelo de Vide. Não quero falar hoje dos tão miseráveis quartéis que as autoridades deixam habitar no lindo castelo. O pároco anda empenhado em ajudar os seus paroquianos a construir a sua casinha. Basta-lhes um pequena ajuda e eles com seu braço fazem. O terreno é fácil de adquirir naqueles baldios e os Pobres operam maravilhas com pouca coisa.

Em direcção ao sul passamos por Portalegre onde o grandioso seminário atesta o sacrifício de quem o construiu. Depois passamos à ilharga de Campo Maior e chegamos à tardinha a Elvas. Contávamos que as oito já estivessem habitadas, mas só estarão para

a Imaculada Conceição. Preparam-se para construir mais.

Tomamos a estrada de Estremoz e à entrada da cidade fomos visitar as 2 casas que são o encanto de todas as do Alentejo. Era noite quando chegamos a Alter do Chão. No dia seguinte o Senhor Prior quis mostrar-nos um centro de barracas velhas que é a sua aflição. Mostrou-nos também as casas que anda a construir para substituir aqueles antros.

Seguimos para Aviz e ali fomos ver a alegria de seis famílias contempladas com uma casa. O Pároco deve ainda bastante desta construção e pensa fazer uma campanha de papel velho. Entregamos-lhe um cheque e demos-lhe um abraço e a caminho de Pavia agradecemos a Deus estes bons obreiros da Sua Vinha. Pavia tem já duas habitadas e muito bem cuidadas e necessita de mais. De passagem por Arraiolos vimos mais duas em acabamentos e seguimos para Viana do Alentejo. Aqui há já quinze habitadas e fomos ver em terreno que a Câmara cedeu em Aguiar onde vão

ficar quatro. Na passagem por Alvito fomos ver as suas seis de paredes levantadas. Passamos por Beja onde encontramos o pároco de Messejana que trabalha com entusiasmo e levamos conosco P.e Joaquim Fatela. Em Beringel duas já estão fora dos caboucos e seguimos rumo a Vila Nova de Mil Fontes. No outro dia vimos o terreno onde o Senhor Prior vai já começar com duas, mas o local chega bem para quatro. Como o Mira ia vazio, não pudemos saborear a canção.

Voltamos atrás e tomamos a estrada de Grândola. Visitamos um bairro de barracas, onde o Crisanto não foi capaz de entrar. Vimos bons terrenos e deixamos ao pároco a nossa palavra de àvante.

Como já nós sentíamos cansados, regressamos a casa à pensar na grande crise de trabalho para o povo alentejano e na falta de portas nos compartimentos interiores que notamos em algumas casas e em muitas chaminés onde se não pode fazer fogueira, por defumarem mal.

Padre Horácio

# SETUBAL

Eu quero contar a toda a gente a maneira como os meus gaiatos mais eu temos sido tratados pela cidade de Setúbal. Não tenho estilo nem palavras; apresento acções e factos cuja eloquência dispensa aquele e estas.

Mal se ouviu nas ruas da cidade que na Casa do Gaiato se abria a primeira oficina de sapateiro sem ferramenta, logo mãos escondidas deixaram na «Sopeirinha» dois jogos de ferramenta nova com dizeres significativos do seu interesse pela formação profissional dos rapazes. Da mesma mercearia recebemos café que um deles vai buscar dia sim, dia não, «para ser sempre frequentinho», enquanto o senhor da «Sopeirinha» puder. O primeiro quiló veio embrulhado em lágrimas de alegria e ternura.

Da «Casa das Sementes» muitos pacotes delas e promessa de quantas forem precisas na quinta. Do assinante 25.960 cento e vinte. Dumas senhoras visitantes um casaco novo, camisola de lã e calçado. Da mãe que nos veio ver com seus filhos, cem. Como tive dor dos meus ao ver os dela tão mimosos, crescidos e asseados! Mais cinquenta «para os seus gaiatos!» Gosto muito destes adjectivos possessivos. Eles são meus!

Da senhora que todas as quinzenas dá cinquenta, muitas roupas: calças, camisas, gravatas, pullovers, cuecas, meias; rebuçados e gosto de me ver. Também eu quem

assim acarinha os Pobres.

Cem duma Helena por alma de sua querida mãe. De visitas vinte e um. De amigos que escondem a pessoa e o nome mais vinte, mais seis e seiscentos, mais vinte, mais cem, mais vinte. De alguém que nos vem ver amiudadas vezes, quinze. Uma hieada da Andorinha de Lisboa — vinte.

De Luanda «Uma vicentina saudosa dos filhos que não teve» envia-lhe estes pullovers para os seus queridos filhos! Foram feitos, três deles, nas horas livres da minha vida de trabalho, mas com carinho e ternura pensando que irão aquecer o corpinho de três crianças inocentes». Assim é minha senhora. Deus a abençoe.

Do apaixonado Quaresma, campanhas, calor, amor, artigos escolares, pentes, sabonetes, sandálias que não sei onde as descobriu, moscatel contra a «asiática», etc.

Das obras do teatro uma carada de lenha boa e promessa de mais. Roupas ainda, das senhoras que num gesto de carinho de que só Setúbal é capaz, nos vêm remendar, passar e confeccionar o nosso vestuário. O número tende a aumentar; nem outra coisa se esperava.

«O que fizeste ao mais pequenino dos meus irmãos, foi a Mim mesmo que o fizeste». Oh palavras benditas que os nossos beifeitores ouvirão no Tribunal das Contas!

Padre Acílio

# COBRANÇA

Ninguém a estima menos do que nós. O trabalho, o que os correios levam; mas, sobretudo, a banalização no arrecadar receitas de um jornal que é, todo ele, um grito contra a banalidade.

Esta cobrança começou no último trimestre de 55, num dia em que Pai Américo percorrendo o registo de pagamento das assinaturas, verificou andarem por fora cerca de mil contos. «Os títulos andam no caminho, de onde se tem verificado que, de cada cem homens, há quarenta que sim e setenta que não. Quando a consciência não bate, os homens não cumprem e se não rebatem temos a mortandade dos vivos. É o caso» — escrevia ele em 3 de Dezembro de 55.

Ora a cobrança tem continuado e continuado tem aquele baixo rendimento «dos quarenta que sim e sessenta que não».

É certo que nem todos os que recebem o aviso estão de facto em dívida. Destes, porém, é quase sempre a culpa. São muitos os casos dos que mandam o dinheiro para a assinatura «anónimamente». Outros dizem o número e nome de assinante e mandam como donativo. Dos primeiros não podemos lançar na sua ficha o pagamento. Dos segundos, não tomamos por tal a intenção, posta a palavra oferta. Ora é tão fácil evitar enganar! Basta colar num postal ou carta o endereço que vai no jornal. Escrever nele mesmo a quantia subscrita e mandá-la como quiserem. Assim o que é assinatura é assinatura e o que é oferta é oferta.

Contudo, o fim da cobrança não é exclusivamente arrecadar. É uma possibilidade também de actualizarmos o ficheiro. Ouçamos de novo Pai Américo: «Avelino faz a cobrança por terras. Os títulos começam a chegar. Abrem-se as cartas. Oh tristeza! Nas costas de cada recibo aparecem muitas e variadas declarações: «faleceu»; «mudou-se»; «apresentado recusou» e esta é de todas a mais crua».

Quem pode adivinhar que um assinante faleceu ou se mudou? Ou presumir que quem sempre recebeu o jornal sem dizer nada, agora venha recusá-lo? Pena é que não haja alguém pelo falecido e o próprio, no caso de mudança ou de recusa, que espontaneamente nos avise e já a cobrança lhe não bateria à porta.

Outra finalidade é acordar os esquecidos. Destes, alguns se queixam: «Porque deixaram juntar tantos anos?»

E nós dizemos de novo que por não estarmos a cobrança. Ela é um recurso que adiamos a todo o transe e evitávamos, se todos os assinantes cumprissem. Ainda assim, agora lembrados, nada obriga a liquidarem por junto os anos todos de dívida.

Pouco a pouco, em prestações suaves, vão arrumando o atraso. É o que muitos propõem e nós estamos sempre de acordo.

Outros confessam mesmo a sua impossibilidade de pagar e até, fora da cobrança, alguns cuja vida desandou, pedem o corte da assinatura, que voltarão a pedir mal lho permitam dias melhores. O nosso despacho é sempre o mesmo: «Que leia o jornal e se console. Pagará quando, quanto, como e se puder. Se nunca puder mandar dinheiro, basta-nos o seu interesse e o seu amor».

Ora vamos lá a ver se «a consciência bate, os homens cumprem» e não «temos mais mortandade dos vivos»... nem a cobrança!

# COBERTORES

O Senhor dos Cobertores, a quem, por esta época, foi costume de longos anos dirigir o grito de lembrança, não voltará ele mesmo a responder. Chegou a sua hora e Deus chamou-o. No acto do julgamento das faltas e dos méritos, não de ter sido por ele vozes desconhecidas: «Tive fome e tive sede e tive frio... e tu saciaste a minha fome e a minha sede e o meu frio».

Nós soubemos do passamento por alguém que o conhecia e logo a sua alma foi sufragada na nossa capela e continua sendo nas nossas orações. Mas, ainda hoje não sabemos o seu nome.

É e ficará sendo na história da nossa Obra o «Senhor dos Cobertores». Não sabemos quanto outro bem nos fez e quanto terá espalhado em redor de si. Sabemos somente que nos agasalhou anos e anos, ainda mais com o calor do seu carinho do que com os seus cobertores. O resto sabe-o Deus. Tanto melhor para ele! E nós esperamos conhecê-lo Lá, naquele dia que o Senhor nos houver escolhido.

O «Senhor dos Cobertores» não voltará, pois, a responder. Porém, o inverno nem por isso deixará de lançar o seu ataque sobre nós. Os rapazes pedem mais um cobertor. Os doentes do Calvário pedem a dobrar, que o sangue deles é mais fraco. Costumam aparecer por aí todas as manhãs, a tomar o café, Pobres da região: «Se houvesse por aí um cobertorzinho...?» No Barredo faz-se a mesma prece reticente. Sim, o frio não perdoará a falta do «Senhor dos Cobertores». Só vejo uma solução. É que aquele Senhor, cuja alma Deus guarda, haja fundado uma dinastia de «Senhores dos Cobertores» e agora — Rei morto, Rei posto! — surja o «Senhor dos Cobertores II».

Não precisamos de lhe conhecer o nome. Tanto melhor

Cont. na pág. QUATRO

# A VISTAS DE DENTRO

Uma tarde destas chego ao Lar e, da varanda que dá para o quintal, vejo, brincando, um casalinho por volta dos quatro, cinco anos. Desço a inquirir e a senhora disse-me que eram duma pobre e fora o Snr. Rui que tal mandara. Espero pela noite cheio da curiosidade dos pormenores. Seria que tínhamos agora no Lar secção de creche e sem eu ter sido consultado? Pois tínhamos mesmo!

Na volta do trabalho Rui põe-me ao corrente. Era uma mulher nova, viúva e quatro filhos, tudo pequenito. A sua vida não estava lá muito direita e ela desculpava-se de que não tinha, de dia, a quem deixar os filhos e, por isso, era à noite, enquanto eles dormiam, que ia ganhar miseravelmente um pão de peçado.

Rui doeu-se. Nem mediu naquele instante a verdade ou mentira daquela desculpa. Jogava-se a sorte de quatro crianças e a mulher pareceu-lhe Mãe. Era preciso uma resolução rápida e sumária. Rui sabe que uma tia dela ficaria com dois dos pequenitos. Ele tomou-lhe os outros. De dia era assim: lugar e mesa e até o que vestir. À noitinha, no regresso do trabalho, ela viria por eles, já jantados; e os cinco, no seu quarto, manteriam o fogo da Família, onde só faltava o pai que Deus chamara.

Rui doeu-se e agiu. A caridade urgia. Rui está em sua casa. Governa por eleição da comunidade, um pequenino povo de irmãos. Ele sabe por experiência própria o que é não ter pai nem mãe, mesmo quando eles não morreram. Nem aprendeu outras lições de sociologia senão aquelas que a vida lhe ensinou. Por isso quis defender aquela família ameaçada e agiu.

Foi assim que, sem eu saber, abriu no Lar uma secção de creche.

Quando voltei do retiro, fui ter ao Lar. Era o domingo da mudança da hora. A noite caía.

Então no Porto estava no auge a «asiática». No Lar eram uns poucos e, à hora em que cheguei, preparava-se uma expedição de enfermagem para uma «ilha» em S. Victor. Fernando, Rezende, Acácio, Cristiano e o Chico enfermeiro. Antibióticos e uma seringa. Um frasquito com álcool, algodão e comprimidos. Eu também fui na brigada de socorro. Numa das casas era a mãe no hospital, o pai na cama e cinco filhos da mesma sorte. Na outra era só uma velhinha.

Eu vinha cheio do retiro e muito alegre. Porém, ainda mais cheio fiquei com aquela iniciativa de emergência dos meus vicentinos do Lar, os quais tão oportunos e solícitos

quanto a Caridade manda, ali estavam, espontâneos e contentes, no serviço dos Senhores seus Pobres.

x x x

Domingos andou pelo Porto a estagiar em oficinas gráficas por mór de estar à altura quando chegasse a Johannisberg. Foi e parece que cumpriu o seu dever.

Ora Domingos já não é menino. Na próxima festa de S. Francisco de Sales, patrono dos intelectuais, a cuja classe, na nossa aldeia, ele pertence (Domingos tem sempre na ponta da língua uma sentença pronta e oportuna!), perfaz 23 anos.

Pois um dia destes eu fui dar uma volta por aí, como sempre faço quando o escritório me liberta. A máquina trabalhava. Ela é utomática! Domingos não estava. Eu ia a protestar... Eis senão quando Domingos surge com um gatinho ao colo, em carícias. Ora vejam!

x x x

Quando abriu a Casa de Beire alguém muito amigo ofereceu uns velhos balcões com vitrines que logo a senhora mandou adaptar a armários para a sala de estar dos rapazes.

Ora a senhora já era jardineira e aferroada criadeira de galinhas. Mas desde que passou para Beire então é que foi. Em volta das couves, flores. Em volta dos feijões, flores. Aquilo é tudo um jardim florido! E aqui e além são uns bivaques de madeira e rede de arame, onde a galinha mãe segura os seus pintalhões dos perigos da demasiada liberdade. São ninhadas e ninhadas e ninhadas!

Agora o que eu não esperava era a surpresa que outro dia tive. Em um daqueles armários tão bons e tão da estima da senhora, uma galinha a chocar! Nos baixos das casas... Nas sebes das ruas... Num recanto do telheiro da lenha... — isto não seria inédito! Agora num armário-vitrine de uma sala de estar, isto só na Casa do Gaiato!

x x x

O número derradeiro de «A Voz dos Novos» publicou «Carta para o Abel» que eu não resisto a transcrever com a introdução do Daniel e tudo. Este jornal, «Tribuna de e para jovens», de ponta a ponta concebido e realizado só por eles, é um dos sinais mais gratos da maturidade progressiva da nossa Obra. É esta carta um documento de afirmação de vida de Família.

Ora façam o favor de ler:

«Uma carta que um dos casados mais antigos, Pai de uma encantadora menina, escreve a um recém-casado que



A «encantadora menina» do Manuel Pinto.

é o Abel Augusto Braga, chefe da alfaiataria do Tojal. Um, mais experimentado pelas vicissitudes que naturalmente a vida oferece, avisa o irmão que agora entra numa vida diferente. Nova, mas ainda mais perfeita. O preceito que o Mestre ensinou, cumpre-se: «Crescei, multiplicai-vos e povoai a face da terra» Que de beleza tudo isto encerra! Que força extraordinária é esta «Obra da Rua»! Da escória, dos mais repelentes, opera verdadeiros prodígios. Tudo isto é beleza. Desde o mais pequenino monossílabo, até ao estado mais perfeito: o Amor, que estes dois irmãos já atingiram. Eis a carta do Manuel Pinto:

9-957

«Caro Abel:

São passadas 24 horas do teu casamento, do teu enlace matrimonial.

Que beleza! Que hora tão cheia de grandezas divinas!

Em tudo que o sacerdote te comunicou, ao SIM teu e de tua noiva, eu vivi, eu senti, quão grande é esse acto. Que grandeza tamanha ele encerra!...

Já lá vão dois anos que casei e olha passam-se dias tão lindos na nossa vida, que vale a pena recordá-los. Não esqueças este dia e recorda-te sempre dele, mesmo nas horas turvas.

E fico-me a cismar no «teu grande dia». Que o nosso bom Deus te faça feliz como mereces.

Que o teu lar acabado de fundar, sinta a chuva de bênçãos, que o Senhor Misericordioso fará cair por sobre ele.

Perdoa-me estas linhas, mas não posso deixar de mencionar, que nos momentos em que o órgão se calava e os rapazes deixavam de cantar, eu ouvi o gorgueio dos passarinhos, como que associando-se ao dia festivo que ontem foi.

Isto foi o que eu vivi na hora santa do teu casamento.

Ao almoço servido aos teus convidados e aos teus amigos, e que eu me conto por um deles, senti a alegria dos dois e o vosso entusiasmo.

Tudo terminou, ou melhor, principiou. És hoje um homem esado! Que o SS. Nome de Jesus, patrono da nossa Obra, vos abençoe.

Certo da tua condescendência para estas pobres linhas, deseja-te muitas felicidades o

Teu Irmão

x x x

MANUEL PINTO»

x x x

O António Prata, casou-se, na Beira, há poucos meses. Só agora, porém, nos pôde mandar fotografias da sua festa. Elas vieram pela mão de sua mãe, que nos escreveu uma carta tão amiga e cheia de reconhecimento como não é costume das mães e pais dos nossos rapazes: «...Se não fosse a santa formação dos rapazes, o meu filho seria um infeliz e, devido à educação que recebeu, é um bom filho, um bom rapaz, espero que seja bom marido e que continue a ser um honrado empregado. Entrego-o ainda

vista os rapazes que passarão pelas Casas do Gaiato, especialmente quando eles não querem deixar de ser vistos por nós. O António Prata quer assim. Se outro modo, não mandaria «saudades à todos os velhos e novos irmãos do nosso mundo»

E a Família da Obra da Rua promete e continua crescendo. Em 1 de Julho nasceu o primeiro filho ao António Teles. Junho antes uma menina ao Amadeu Mendes. Agora é uma carta de Quelimane, do Carlos Gonçalves: «...A minha mulher deu ontem luz dois lindos rapazes. O primeiro nasceu às 9,15 e pesava 2,500 e o segundo nasceu às 10,10 e pesava 2,750. Tanto a minha mulher como os bebés estão bem. Como deve calcular, estamos radiantes. Tem havido pessoas que lamentam a nossa sorte por serem dois. No entanto eu dou graças a Deus e só Lhe peço que tenham sempre saúde e que a dê também



António Prata: «Os velhos e novos irmãos do nosso mundo» te saudam e à tua esposa.

às orações de V., aos seus conselhos e enfim a nunca o perderem de vista».

Nós nunca perdemos de

a mim para poder ganhar dia a dia o pão para lhes dar

Saudades nossas e dos vossos netinhos da Obra da Rua».

## UM DESABAFO

Entre os nossos pobres há um caso que nos tem merecido particular atenção. O daque'a pobre rapariga, fácil, que dantes cáa mais e agora parece enveredado pelo caminho do bem. Augusto, o visador, tomou a peito o seu papel. E não desarma. Tem batallado com vigor é vicentino.

O pai da infeliz, um velho inutilizado, chora lágrimas de sangue. Ele quer o bem da sua filha. Quem não quer o bem dos seus? E'o é a carne da sua carne.

Porém, o mundo o mundo da poltrona não é assim. Não faz assim. Não ajuda. Preverte. Aqui temos o quadro triste: de um lado a pecadora com propósitos de emenda; do outro, o inimigo que não desarma, o inimigo ma'cioso e tentador, a destruir. Isto é do'oroso! Mas é assim.

de protegida! A porta aberta, responsável pe'a onda de desagregação que corroi a mocidade; que corroi o sangue de Portugal. A porta aberta, Vício torrado e oficializado! A porta aberta o maior cancro da Nação!! Um tumor purulento e contagioso que urge extirpar. Que urge extinguir. (Somos ou não um país de cristãos, de maior cristão?) Só, assim, poderemos criar uma sociedade nova. Com outro sentido de vida. Uma sociedade menos fácil! Mais saudável, porque mais cristã.

É triste dizê-lo: chega-se ao ponto de a-hor natura! e necessário o anti-natural; a casa do Vício!!

Desculpai este desabafo. É que a gente não vê o Mal diminuir. A gente vê o Mal aumentar e entrar-nos pelos olhos dentro. O Mal em plena rua! O Mal à solta! O Vício rei e senhor! T'iste sina! dos tempos!

Por amar da nossa protegida e de outras irmãs pelo País fora; por amor do caudal de filhos ilegítimos; por amor de Deus e de Portugal — quem puder faça por extinguir as tristes casas — e são tantas! — onde apodre-

Cont. na pág. QUATRO

estações  
o atra-  
põem e  
acordo.  
mesmo a  
e pagar  
alguns  
pedem o  
e volta-  
ermitam  
o despa-  
o: «Que  
ole. Pa-  
como e  
puder  
ta-nos o  
amor».

RES

a quem,  
custume  
o grito  
tará ele  
hegou a  
namou-o.  
ento das  
hã-o-de  
s desco-  
e tive  
saciaste  
ha sede

assamen-  
conhecia  
si sufra-  
e conti-  
orações.  
sabemos

história  
«Senhor  
sabemos  
s fez e  
em res-  
samente  
e anos,  
alor do  
com os  
esto sa-  
or para  
conhe-  
a que o  
colhido.  
ertores»  
sponder.  
nem por  
r o seu  
rapazes  
rtor. Os  
pedem a  
deles é  
a apare-  
manhãs,  
s da re-  
r aí um  
Barredo  
reticen-  
berdoará  
s Cober-  
solução.  
or, cuja  
hajã  
de «Se-  
» e ago-  
posto!  
s Cober-

lhe co-  
melhor

QUATRO

# CALVÁRIO O que nos dão no Tojal

A presença de Padre Manuel António em Paço de Sousa tem-me liberto um nadinha mais para as duas pequeninas comunidades de Beire. Todos os Santos, Fiéis Defuntos e o domingo foram três dias seguidos de celebração na capelinha românica, o que ainda nunca acontecera. À frente, os primeiros habitantes do Calvário. Logo atrás, na sua cadeira, muito silencioso e atento, o Edmaro. Ao lado, os rapazes são que trabalham na quinta e na casa. As senhoras. Alguns pessoal. Missa dialogada pela reduzida assembleia. Um ambiente de vida e de paz.

Os incuráveis não estão curados, mas os seus rostos dizem bem a distância entre o que era e o que é. O Edmaro, neste ponto, é «o da camisola amarela». Cada vez são mais seguros os passos que ensaia sem o apoio da muleta. E, com ela, já não conhece barreiras... — que ainda um dia destes foi preciso ir buscá-lo ao cimo da alameda da entrada. Fala muito. «É um alegre», no dizer espontâneo dos nossos rapazes. À mesa é ele mesmo quem faz a festa toda. Fala muito e cada vez mais acertado. Não. Ele não é de todo irrecuperável e eu não perdi ainda as esperanças que os irmãos de S. João de Deus de Montemor-o-Novo possam endireitar mais aquele corpo tão defeituoso.

Uma noite destas passei pelo seu quarto. Já dormia. Os olhos (que abertos, não são iguais) agora fechados; uma cara muito rechonchuda e rosada... O Edmaro estava bonito. Não. Ainda não perdi a esperança nos Irmãos de Montemor-o-Novo.

x x x

Os visitantes já deram com o caminho de Beire. Começa mesmo a ser vulgar os que, em Paço de Sousa, pedem instruções sobre o rumo a tomar, afim de passarem por lá antes do regresso a suas casas. Estes não partem sem se desobrigarem. Os pequenos ciceroes, Toninho e Zé Maria vêm, alegres, entregar os donativos dos senhores.

Entretanto o correio traz-nos outras notícias de muitos lugares, de muitas pessoas, que agem todas «em um só coração e uma só alma».

Aquele cálice de que aqui se falou em um dos números passados já serviu na Santa Missa. É uma peça de museu, à altura da singeleza, digna

## COBERTORES

Cont. da pág. DOIS

para ele se só no Céu fizermos tal conhecimento!

Basta que aqui, ou no Espelho da Moda, seja dito o recado. Depois nós iremos com essa ordem ao armazém de Gaia, o dos mais anos e traremos a resposta aos nossos rapazes, aos nossos doentes, aos Pobres da nossa vizinhança e do Barredo.

e magestosa, de qualquer das duas capelas de Beire. Fica sendo na do Calvário a presença de dois amigos a quem muito se deve do recheio destas e da capela de Paço de Sousa. Outra Amiga da mesma estirpe, esta com um paramento verde.

Duas vezes a «dedicada Emília», de Lisboa, com 200\$ de Agosto e Setembro e mais 100\$ de Outubro. Doze contos de uma mãe pela formatura do filho.

Vinte de Braga; quatro vezes mais de S. Martinho do Porto com «o desejo de que cada vez vá havendo mais casas para rapazes e rapazes melhores na nossa terra que tão linda é». Assim seja. Cem «por alma do nosso Pedrinho querido. O dobro e peie-se uma A. M. por uma pessoa considerada incurável». Quinhentos não sei de onde e também: «Peço a fineza de uma oração por nós». Todos os dias, todos, quatro vezes pelo menos, são lembradas as intenções dos nossos benfeitores, que ainda são deste mundo ou foram. Mais duas vezes quinhentos de Pai e Filho, de Cucujães. Metade da Lousã. Cem referente a Outubro, do «Amando os homens por amor a Deus...» O mesmo por carta, com declaração de ser mandado por «uma pessoa de família». Uma toalha de linho para altar, de um canceroso que Deus já chamou a contas. Cinquenta de «Uma Avó» e vinte da assinante 23.998. Cem, de outro assinante, de Curvaceiras e o dobro que um assinante deixou no Montepio, em Lisboa.

Por duas vezes, a Celeste, de Lourenço Marques, mandou a sua «migalhinha»: 500 + 500 = 1.000. Vinte da Conchada; o mesmo da Regina e suas «duas filhas, amigas sinceras da Obra», que repetem todos os meses 50\$ para o Património. Quinhentos do Porto da R. da Torrinhã. O mesmo de Penafiel e 600\$, «o aumento de uma promoção e com o coração agradecido ao Senhor», de «Uma funcionária dos C. T.T.» em Lisboa. Cem do Porto no «dia do aniversário natalício do nosso bondoso e sempre chorado Amigo P.e Américo». O mesmo, duas vezes, «da que muito quer à Obra e pouco lhe pode dar...» O certo é que, desde há muito, não há mês que ela falhe, sempre com o pedido de benção «para meu marido e meus filhos». Vinte de Gameias, «por uma graça obtida pe o saudoso Pai Américo». Um alfinete com moeda em ouro de D. Maria I. «para umas pedrinhas da Obra do Calvário». É «uma amiga do Lar de Coimbra». E a piedosa satisfação do desejo de sua mulher, que Deus levou: Cem «referente aos meses de Julho e Agosto, que por descuido não mandei. Sempre que me seja possível quero continuar a cumprir o voto dela». É de Avelal.

Estou no primeiro andar. Duas senhoras sobem a escadaria nobre, mirando os azulejos de outros tempos. Pisado o último degrau, balbuciam discretas palavras de cumprimento e entregam dois sobrescritos:

— «Olhe são quinze contos para uma casa de Pobres. Gostaria que fosse «Casa Santa Maria».

— «Olhe é um voto». Mãe e filha retiram-se. Abro o primeiro e confirmo. Faço o mesmo ao segundo e dou com um cheque de cem contos. Remito hexixante e também. Intimamente, muito intimamente, bendigo o Altíssimo que, com tão complacente bondade, nos olha. Cem contos é muito, sobretudo onde só poucos o podem fazer! Porém, o maior valor deste gesto não está no quantitativo, mas na discreção. Não há nome, nem morada, nem reclame, nem fotógrafo, nem nada do costume. Alguém apresenta-se, dá o recado e some-se. Eis a sua maior grandeza: «some-se». Some-se não, que a Deus nada passa despercebido!

Estamos no século da grandeza. O mundo da ciência descobriu o rumo do infinitamente grande e do infinitamente pequeno. E por eles além vai rompendo a largos passos. Pois, quem aqui pausar e reflectir, que esta é página de meditação, encontra igualmente grandezas de ordem diversa, é certo, mas não menor e mais grandeza! São as crianças da pré-Jec de Lisboa, em entusiasmo fervente a amealhar para os gaiatos. Não possuindo, desinquietam quem pode e tem, para virem aqui viver o momento feliz da entrega de 5. 223\$00.

Aí vêm os «dois jovens quaisquer», com a novidade: — pedimos que reze por nós, agora que nos preparamos para o nosso casamento a 8 de Dezembro. Quem não conhece já estes «dois jovens quaisquer», que dizem ser o que na verdade não são. A vulgaridade não fala nem age desta forma. «agora que nos preparamos para o nosso casamento». A garantia da Presença de Cristo neste lar é a Caridade que vem irmanando por longos anos os que o vão constituir: «150\$ para os gaiatos». A capital esconde-se para fazer o bem. Quebrei outro dia um mealheiro que ali me confiaram e entornei 1.242\$50 em moedas de 2\$50.

Mais gente que vem por capital a render. São visitantes, com 100\$, 89\$, 50\$, com 30\$. Mais uns senhores de Lisboa com 50\$. Outros em mãos do Carlos 625\$. Para sufrágios 200\$ e mais 100\$. Para o pobre mais precisado que conheço. 50\$.

A Nestlé prossegue assidua com

## Um Desabafo

Cont. da pág. TRES

cem corpos e almas portuguesas. Nós aqui sabemos o mal que faz o Mal. Somos um pequenino esgoto do resultado do Vício tolerado e oficializado: — «Quem é a minha mãe? Quem é o meu pai?» E resposta? Muitos destes meus irmãos que estão, outros que já foram, outros que hão-de vir — sentem-se realmente diminuídos. Para sempre o ferrete de filhos de pai, ou o inconcebível — de mãe incógnita! Oh Pátria amada, sacode o coração dos teus filhos!

Júlio Mendes

161\$ e 177\$50. Dos operários da Sonap 130\$. Um sacerdote com 50\$. Visitantes com roupas e 220\$.

A promessa «de há anos só agora a cumpro. São doze contos para a casa «Pai Américo»!

A Mobiloil retorna com 1.040\$. No aniversário de um ente querido, mil escudos de A'gês.

Outra vez o amigo do Sr. P.e Carlos com 100\$. De Lisboa mais roupa, vinho espumante práns nossas festas e 250\$.

No Lar encontro sobrescritos. Desta feita é gente dos CTT da Praça D. Luís:

«Um aumento resultante duma promoção 560\$». De quantas não temos sido os primeiros beneficiários! «Economia duma noiva que deseja um lar cristão, 500\$». O mundo diz que os cristãos andam às avessas dos mais. E acertam. Mas é por esse trilho que se adquire a felicidade.

Mais 885\$ de assinaturas. Para o Calvário 600\$. Juntamente 6. 216\$10 para a Casa dos Pobres daquela secção e outra dos CTT.

Ainda no Lar uma nota de cem e outra de vinte para o Calvário. Pedimos em Cascais e colhemos 12.025\$. Em Oeiras 2.597\$70.

Promessa satisfeita, 70\$. Visitante com 20\$. A casa Michel deu-nos malhas para prevenir o frio. Boa conta fazem. Mais notas de cinquenta, e vinte e uma de cem.

Vendedores chegam com roupa. De Loures, remessa de mercearia e 50\$. Luisa com promessa de 40\$. Outros visitantes com roupas e 200\$ na mão. É domingo. Chegam mais com donativos diversos. Fernando e Jorge com 15\$00. Para o Calvário 70\$. Vendedores com 440\$ de S. João de Deus. Mais assinaturas pagas 525\$. E é tudo desta vez.

PADRE BAPTISTA

## Chales de Ordins

Têm andado as tecedeiras, há meses a esta parte, a fazer «stock» de chales, na previsão de inúmeras encomendas. Pretendem agasalhar-se, após terem agasalhado os clientes. Nos dois anos transactos, não pudemos atender todos os pedidos. Esperamo-lo fazer agora.

Se, como o leitor sabe, os chales se vendem todo o ano, é escusado dizer que será sobretudo no inverno que terão mais saída. E torna-se na verdade, bem preciso, pois na mercearia vai-se aumentando a despesa, na esperança de agora tudo se saldar. Ainda há pouco, ouvi aos 80 anos duma tecedeira que tinha uma dívida de mais de 100\$, além de outras, e não via meio de a liquidar, se não lhe viesse algum dos chales. Como o leitor vai já ver, parece que esta velhinha pode estar descansada, que no inverno tudo pagará, se Deus quiser. E, com ela, as duas dezenas de tecedeiras, recrutadas entre o que há de mais necessitado, material e moralmente. Quem quiser saber como será o inverno este ano, nada mais tem que ler estas linhas.

Como no ano passado, a M. P. F. do Liceu de D. Filipa de Lencastre, de Lisboa, veio aos chales de Ordins com 1125\$ e levou 10. Como este Centro, quantos outros da Mocidade Feminina nos podiam ajudar! Alguém da Companhia dos Diamantes de Angola envia 410\$ para três dos grandes a enviar para Lisboa. Como é fecundo este abraço entre as nossas províncias espalhadas pelo mundo.

Para a capital mais dois grandes e um dos pequenos. Aquelas duas senhoras que no ano passado tanto fizeram por Ordins, voltam, de novo. Que Deus as ajude. Coimbra, Setúbal e Moura, seguem agasalhadas. Alcobaca aparece entre as propagandistas. Logo, de início, um vale de 400\$. Prossiga.

Guilhabreu grita: «é para a mulher mais idosa desta freguesia (84 anos). Sente muito

frio, razão para fazer o favor de mandar o mais breve possível». Foi logo enviado o pedido Espinho enternecese diante duma «mulher pobre, mãe de 9 filhos, que necessita muito desse agasalho». Lourenço Marques lembra-se da Figueira da Foz com um chale, «um dos famosos chales que tenho visto». Querem mais? Pois acabem de ler: «não calcula como fiquei satisfeita por ter já em meu poder o lindo cbale e é tão quentinho». Mais? Pois sim! Tondela é a última palavra até hoje. Com 3.000\$00 (Daniel, cautela com os zeros!!!) vem por 32 deles.

Luso (Angola) lembra-se de Poçacos, em Trás-os-Montes. Só esta lembrança já nos aquece, quanto mais os 450\$ de chales! Castelo Branco, Tarouquela, Macieira (Vila do Conde), Chaves, Porto, Viana do Alentejo seguem juntinhos e quentinhos.

Pardelhas confessa: «eu poderia oferecer outra qualquer lembrança, mas optei pelos chales de Ordins, pois assim a minha oferta tem um duplo sentido». Pardelhas segue no bom caminho. A Casa de Trabalho de Medelim quis conhecer, de perto, Ordins e enviou 280\$ para um dos grandes e dois dos pequenos. Vale de Prazeres já nos conhece. A sua Conferência do Beato Nuno vem por mais um.

«Uma esposa feliz, porque Deus lhe deu um marido que ama os pobrezinhos», confessa: «Fez um ano no passado mês de Setembro que visitamos a Casa do Gaiato e Ordins. Daí trouxemos dois esplêndidos chales — lindos e quentinhos. E para melhor provar que os aprecio devidamente, venho rogar a fineza do envio de um dos grandes, para presentear uma criada merecedora de tal mimo». Uma boa criada merece um «tal mimo».

Ninguém julgue seremos este ano morosos no aviamento das encomendas. Peçam e verão. À cobrança, não. Um vale de correio e pronto.

Padre Aires